

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCO DE SOUSA SILVA

VERBALIZAÇÕES DE RACISMO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PICOS-PI

PICOS-PI
2013

FRANCISCO DE SOUSA SILVA

VERBALIZAÇÕES DE RACISMO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PICOS-PI

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para conclusão do curso. Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Carmita Bezerra de Souza.

PICOS-PI

2013

Eu, **Francisco de Sousa Silva**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 15 de Abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S729c Silva, Francisco de Sousa.

Verbalizaçõess de Racismo em Escolas Públicas de Picos-PI /
Francisco de Sousa Silva. – 2013.

CD-ROM : 4 ¾ pol.; il. (40 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do
Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Profª Drª Ana Carmita Bezerra de Souza.

1. Racismo. 2. Preconceito. 3. Discriminação 4. Educação. I. Título

CDD 301.636

VERBALIZAÇÕES DE RACISMO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PICOS-PI

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____ de _____ de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª Ana Carmita Bezerra de Souza – Orientador
UFPI

Profª. Msc. Maria Oneide Fialho Rocha
UFPI

Profª Drª Rebeca de Alcântrutara e Silva Meijer
UFPI

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter iluminado minha mente em todo transcorrer do curso, antes era como um barco a deriva em alto mar, ele me ajudou a trilhar os caminhos das conquistas. Tudo era novo, as pessoas, os desafios, as disciplinas, os futuros amigos, os professores.

Agradeço com muito carinho e presteza a minha família: primos, sobrinhos, irmãos, em especial a minha mãe, Maria dos Anjos e meu pai Amadeus que de forma direta contribuíram exaustivamente para minha formação pessoal.

Agradeço com muito carinho e presteza ao Grupo Cultural Adimó pelo auxílio e preste no transcorrer dessa monografia.

Agradeço ainda alguns amigos e professores da UFPI. A minha eminente Orientadora prof^a. Dr^a Ana Carmita Bezerra de Souza. A todos que demonstraram companheirismo ao logo do curso. Tenho a certeza que: “a mente que se abre a uma nova idéia, jamais voltará ao tamanho original” (Albert Einstein).

Dedico esse trabalho a todos aqueles que me auxiliaram de forma direta ou indireta no transcorrer do curso como: minha família, colegas de classe e alguns professores. Em especial a professora orientadora pela presteza e dedicação quando solicitada.

RESUMO

A população negra no Brasil é a principal vítima do racismo e de suas ramificações, como o preconceito e discriminação, desde o Período Colonial até a atualidade. Com este trabalho objetivei analisar atos de racismo verbais contra os alunos negros nos espaços escolares da educação básica, na cidade de Picos – PI; para tanto foi necessário descrever tais atos, refletindo sobre as reações dos professores diante dessas situações. A pesquisa de campo do tipo etnográfica qualitativa foi realizada em duas escolas na cidade de Picos – Piauí, que tinham 43 alunos de 4ª Série, 5º Ano e 5ª Série 6º Ano. Para coleta de dados foram realizadas 15 dias de observações em duas salas de aula. As questões que problematizaram e guiaram o trabalho de campo foram as seguintes: Como o preconceito se expressa entre alunos? Qual é a postura do professor diante de uma atitude preconceituosa por parte dos alunos em sala de aula? Quais as reações dos alunos que sofrem discriminação, preconceito e racismo? No aprofundamento teórico utilizei-me de autores como: Munanga (2008), Silva (2008), Sant' Ana (2008), Soares (2008), Agnes Heller (2000), O programa Nacional de Direitos Humanos (Brasil, 1998). Como resultado da pesquisa, lamenta-se poder afirmar que a prática de racismo verbal de alunos brancos contra alunos negros ocorre com muita frequência. Os professores além de se omitirem à tomar qualquer providência pedagógica, quando ignoram totalmente tais ações, ainda se referem aos alunos negros por apelidos como 'neguinha'. Os alunos negros reagem a tudo isso com o silêncio, diante do constrangimento. Portanto os professores devem ficar atentos a qualquer tipo de reprodução de preconceito em sala de aula, porque toda forma de desdém pode contribuir de forma negativa na aprendizagem e na formação pessoal e profissional de qualquer indivíduo.

Palavras –chave: Racismo. Discriminação. Preconceito. Educação.

ABSTRACT

The black population in Brazil is the main victim of racism and its ramifications, such as prejudice and discrimination, from the Colonial Period to the present. This study aims to analyze verbal acts of racism against black students in the areas of basic education school in the city of Picos - PI, it was necessary to describe such acts, reflecting on teachers' reactions in such situations. The field research was conducted ethnographic qualitative in two schools in the city of Picos - Piauí, which had 43 students for 5th Year and 6th Year Data collection was performed 15 days of observations into two classrooms. The issues that problematized and guided the field work were: How is prejudice expression among students? What is the attitude of the teacher in front of a prejudiced attitude by students in the classroom? What are the reactions of the students who suffer discrimination, prejudice and racism? In the theoretical study authors used me as Munanga (2008), Silva (2008), Sant 'Anna (2008), Soares (2008), Agnes Heller (2000), The National Human Rights program (Brazil, 1998). As a result of the research, it is regrettable to say that the practice of verbal racism of white students against black students occurs too often. Teachers besides omitting to take any action pedagogical, when totally ignore such actions, yet still refer to black students by nicknames like 'blackie'. The black students react to all this with silence, before the embarrassment. Therefore teachers should be aware of any reproduction of prejudice in the classroom, because every form of contempt can contribute negatively on learning and personal and professional development of any individual.

Keywords: Racism. Discrimination. Prejudice. Education.

SUMÁRIO

1.	
INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos.....	13
1.1.1 Objetivo Geral.....	13
1.1.2 Objetivo Específico.....	13
1.2 Problematização.....	13
1.3 Eu negro: o descobrimento de uma identidade enquanto grupo étnico	14
1.4 Metodologia.....	17
2. RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: LIMITES E POSSIBILIDADES NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	19
2.1 Racismo.....	19
2.2 Preconceito	21
2.3 Discriminação.....	22
2.4 A invisibilidade dos grupos subordinados	23
2.5 Zumbi: o herói negro.....	27
3. A PRESENÇA DO RACISMO NA ESCOLA: COMPREENDENDO SUAS FORMAS VERBAIS	29
3.1. E na china tem negros.....	29
3.2“Você, que parece uma macaca”!	30
3.3 Planeta dos macacos! Planeta dos gorilas.....	33
3.4 Boi da cara preta.....	34
3.5 Parece uma macaquinha	35
3.6 “Quem nasce na Africam é gorilas”.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37

5. REFERÊNCIAS 39

1. INTRODUÇÃO

O racismo é uma das maiores violências praticada contra um grupo étnico, tendo em vista que impossibilita à vítima de ter uma vida digna e sustentável numa sociedade, por ser utilizado como mecanismo de superioridade de uma raça sobre a outra. Apesar dos seus malefícios, esta é uma prática recorrente, ainda nos dias de hoje e vem se repetindo no Brasil ao longo de sua história. Desde o Período Colonial, a população negra é vítima constante de preconceito racial. Nas palavras de Jaccoud (2008, p.49): “O racismo nasce no Brasil associado à escravidão, mas é principalmente após a abolição que ele se estrutura como discurso, com base nas teses de inferioridade biológica dos negros, e se difunde no país como matriz para a interpretação do desenvolvimento nacional.”

A escola, a partir do momento que não busca estratégia ou mecanismo que venha restringir o racismo, contribui de forma significativa para a sua proliferação. Isto ocorre no momento em que ela nega aos alunos, principalmente os afrodescendentes, que eles têm uma história como todo grupo étnico. É preciso ficar claro para os alunos que a população negra no Brasil tem um passado que precisa ser conhecido, respeitado e valorizado. Não simplesmente contar que fomos escravizados retratando nos livros didáticos em forma de caricaturas um passado de sofrimento, do qual não despertar nenhuma motivação para os discentes negros conhecerem sua história. Relatando e resgatando um passado de muitas guerras conquistadas em prol da libertação de milhares escravos (negros) que foram tirados de seus países, para sustentar um determinado grupo de escravistas.

A omissão da escola no combate ao racismo dificulta muitas vezes a permanência dos alunos negros na sala. Para Cunha Júnior (2008), uma das causas frequentes da evasão e dos baixos aproveitamentos da população negra na escola, relaciona-se aos desconfortos e constrangimento causados por constantes xingamentos, piadas e ações de fundo racista.

Com enorme agravante, esses racismos são sempre negados, disfarçados, ignorados ou escamoteados. Posto na lista das questões incômodas, dos tabus, por vezes, vistos como um problema que, se explicitado, poderiam torna-se pior, sem, no entanto, ser explicitado o porquê ou para quem ficaria pior, pois, para nós, afrodescendentes, já

são insuportáveis, sufocantes e inadiáveis a necessidade de uma intervenção dos educadores. (CUNHA Jr., 2008, p. 229).

A escola, devido a sua pretensa função social, deveria e deve ser, a pioneira na busca de restringir todo tipo de opressão, inclusive o racismo e suas ramificações. Mas, contraditoriamente, pouco tem procurado diminuir este 'vírus' nos seus espaços, sobretudo dentro das salas de aulas, onde os discentes afrodescendentes são vítimas constantes de vários tipos de humilhação, devido à cor da sua pele.

Ações discriminatórias podem desenvolver nas vítimas um comportamento de baixa auto-estima. Já que a grande maioria desconhece sua origem. Por isso ficam vulneráveis a quaisquer tipos de insultos racistas.

Quando o aluno é discriminado através de insultos ou xingamentos é muito frequente não apresentar defesa imediata, com base na inferioridade que sente em relação ao agressor.

Para que a escola contribua efetivamente com o fim de atitudes racista dentro do seu espaço, deve transmitir os valores culturais, religiosos, culinários dessa população que representa uma grande parcela do povo brasileiro, ou seja, deve garantir tais conhecimentos em seu currículo e em suas práticas pedagógicas, como um direito de todos os brasileiros, devido a sua condição de segunda maior população negra do mundo, perdendo apenas para a Nigéria.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados de 2010, mostra algumas características da população brasileira referente às questões étnico raciais: População residente- cor ou raça- Branca: 91.051.646 pessoas. População residente- cor ou raça- Preta: 14.517.961 pessoas. População residente cor ou raça- Amarela: 2.084.288 pessoas. População residente cor ou raça- Parda: 82. 277. 333 pessoas. População residente- cor ou raça- Indígena: 2.944.

Em relação ao Estado do Piauí, em 2010 a população residente - cor ou raça- Branca; 759. 361 pessoas. População residente- cor ou raça- preta: 292.951 pessoas. População residente- cor ou raça- Amarela: 66.731 pessoas. População residente- cor ou raça- Parda: 1.996.371 pessoas. Pessoa residente- cor ou raça- Indígena: 2.944 pessoas.

Já em Picos, em 2010 a população residente- cor ou raça- Branca: 28. 279 pessoas. População residente- cor ou raça- Preta: 5.242 pessoas. População

residente cor ou raça- Amarela: 819 pessoas. População residente cor ou raça- Parda: 38. 972 pessoas.

A despeito da classificação do IBGE, o Movimento Negro (MN) e outras instituições que trabalham com o Censo Demográfico, não separam a cor ou raça, preta e parda, ou seja, é uma só. Considerando assim, a divisão fica a seguinte: População Negra Brasil: 96.795.294 pessoas. População Branca Brasil: 91. 051.646 pessoas. População Negra Piauí: 2.289.322 pessoas. População Branca Piauí: 759.361 pessoas. População Negra Picos: 44.214 pessoas. População Branca Picos: 28.279 pessoas.

Baseando-se nestes dados, o número de pessoas negras é superior a branca, mas essa grande maioria não tem seus direitos assegurados, seja na sociedade ou na escola. Portanto, os negros devem ser mais visíveis na escola, sobretudo nas salas de aulas, onde muitas vezes tem seus direitos negados ou deturpados. Todavia, esses descendentes negros devem sentir-se orgulhosos de sua história.

Um currículo que contemplasse a história do povo negro, conforme as reivindicações postuladas na Lei 10.639/2003 ajudam-nos a compreender que a desigualdade socioeconômica sofrida pelos afrodescendentes no Brasil se explica pelo nosso processo de colonização, quando fomos obrigados a sermos escravos, já que não viemos para o Brasil espontaneamente. Ou seja, a inferioridade econômica dos negros é uma cruel construção histórica, econômica e social.

Com a Lei Áurea, de 1888, os dominantes fingiram que estavam nos devolvendo a liberdade. Mas fomos jogados na rua, sem nenhum direito de sobrevivência, moradia e dignidade. Com a chegada de outros imigrantes como italianos, japoneses, holandeses, franceses, os descendentes africanos, que já existiam aqui, passaram a ser vistos como raça inferior, desprovidos de quaisquer aptidões pessoais, despossuídos de inteligência. Desapreciaram todas as aptidões que os mesmos possuíam. Fecharam as portas e ainda criaram o racismo, impedindo qualquer ascensão social. Isto faz com que se fortaleça na sociedade o preconceito e discriminação, dando início á tantas diferenças de tratamento racial e social entre negros e brancos, até os dias atuais.

Nesse período o Estado criou alguns decretos que dificultasse o acesso dessa população as escolas, entre eles o *Nº 1.331, de 17 de Fevereiro de 1854*, que estabelecia que nas escolas públicas do país não fossem admitidos escravos, e a

previsão de instrução para adultos negros dependiam da disponibilidade de professores.

Já o *Decreto nº 7.031-A, de 06 de setembro de 1878*, estabelecia que os negros só pudessem estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares. Esses decretos impediram que os negros estudassem, porque a elite brasileira nunca teve interesse em contar a história dos afro-descendentes de forma que orgulhasse essa população.

Do racismo emergiram outras ramificações maléficas como preconceito e discriminação presentes em muitos espaços da sociedade, sobretudo na escola e, especificamente, na sala de aula, lugar onde alunos negros são frequentemente vítimas de atos indelicados e pejorativos. É tendo como referência esta realidade até aqui discutida, que elaborei os objetivos e problematização desta monografia, e apresentamos nos tópicos seguintes.

1.1 Objetivos

1.1.1. Objetivos Gerais

- Analisar atos de racismo verbais contra alunos negros nos espaços escolares da educação básica, na cidade de Picos - PI.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Conhecer atos de racismo verbais presenciados nas escolas da educação básicas, na cidade de Picos - Piauí.
- Refletir sob as reações dos professores ao presenciar cenas de racismo verbal na sala de aula.

1.2 Problematização

É muito importante que todos os seres humanos conheçam suas origens, ou seja, sua descendência. O conhecimento da sua história lhe proporcionara mais segurança na sua vida cotidiana diante dos desafios encontrados.

O Brasil é um país multirracial, mas nem todos os grupos étnicos têm seus direitos respeitados e assegurados para viver uma vida onde tenham livre arbítrio para

cultuar sua religião e apreciar sua culinária, festas, músicas, danças, modas, estilos, gostos e cultura, etc. Somos obrigados, socialmente, a participar de um modelo de vida baseado nos valores europeus, como regra geral para vivermos perfeitamente e sermos bem aceitos numa sociedade que desde a colonização até os atuais, tem absorvido uma cultura eurocêntrica.

Sempre tive pouco conhecimento da minha descendência, a escola básica nunca me proporcionou tal saber. Depois que fui algumas vezes vítima de racismo resolvi procurar informações que me explicasse o porquê de tais práticas. Ainda como este se manifestando na vida dos estudantes negros na escola, em exclusividade a sala de aula.

Diante dessas inquietações e dúvidas apresento aqui alguns questionamentos, que guiaram o desenvolvimento da pesquisa: como o preconceito ocorre entre alunos? Quais fatores fazem com que os alunos discriminem os outros? Qual é a postura do professor diante de uma atitude preconceituosa entre alunos? Quais as reações dos alunos que sofrem discriminação, preconceito e racismo? O aluno que praticou um ato de racismo tem conhecimento do que fez? Estas foram algumas das questões que tentei responder, através de uma investigação utilizando-me de observações nas escolas públicas de educação básica em Picos-PI, sobre o qual trarei mais detalhes no capítulo 3 deste trabalho.

1.3 Eu negro: o descobrimento de uma identidade enquanto grupo étnico

Senti necessidade de fazer este trabalho com tal temática, porque conhecia muito pouco da minha origem, enquanto grupo étnico. Também será fundamental para um aprofundamento sobre minha história uma vez que, antes de 2004 conhecia muito pouco esta. Como também de tantos irmãos negros que ao longo da história brasileira tem sido vítimas de racismo. Nessa perspectiva é que, a seguir apresento fragmentos de minha trajetória de vida, relatando minha relação pessoal com a temática estudada.

Nasci em julho de 1982, no interior de Santa Cruz do Piauí, num local chamado Canto da Umburana. Sou o primeiro filho de cinco que não pereceram, tendo como pais biológicos, Amadeus e Maria dos Anjos, casados. Ambos são agricultores

arrendatários, ou seja, que trabalhavam e trabalham em terras emprestadas, para as atividades agrícolas, pelas quais paga-se rendas após a colheita da plantação.

Em 1989 eu minha família fomos morar no Município de Sussuapara-Pi, num local chamado Saco das Tabuas. Moramos nesse interior durante sete anos. E 1996 viemos morar em Picos, no Bairro Morada do Sol. Lá compramos com muito esforço um pequeno terreno, onde construímos uma casa de taipa¹, onde ainda hoje moramos. A minha casa foi à primeira da rua, pois quando nossa família aqui chegou só tinha matas de todo tipo. Continuei trabalhando na roça pela manhã e a tarde vendia picolé nas ruas de Picos. Depois dessas ocupações, trabalhei também num posto de lavagem de veículos, num frigorífico, como servente de construções, e como vendedor de cartelas de bingos. Até que em 2001, aos dezoito anos servi ao Exército Brasileiro em Picos por um ano. Quando sai do Exército, trabalhei numa construtora de estradas. Lá, dificilmente o patrão e os colegas me chamavam pelo nome. Eu era só “neguinho”. No ano de 2004, fiz um concurso de celetista que o Estado realizou. Fui contratado como vigia e trabalhei até 2008. Depois fui trabalhar como mototaxista, atividade que exerço até hoje.

Durante todas essas ocupações estudava a noite. Comecei a primeira série aos 15 anos, na Escola Estadual Petrônio Portela onde concluir o Ensino Fundamental em 2004. Terminei o Ensino Médio na Escola Vidal de Freitas, em 2008, nesse mesmo ano passei no vestibular para Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Chegando na universidade conheci um mundo novo que me proporcionou um eminente conhecimento e coragem para enfrentar os desafios até agora vivenciados.

Por ter nascido numa familiar negra e sem condições financeiras, mas portadora de um eminente caráter, dignidade e respeito às pessoas, sempre tive muitas dificuldades. Muito cedo percebi que as pessoas sempre me olhavam de forma diferente. Era como se eu tivesse que está dando explicações constantes ou como se recebesse cobranças por algo que não sabia explicar o que era. Lembro que, como minha família passou muito tempo morando em fazendas de ricos, era muito comum ouvir certos termos, que se referiam a mim. Por exemplo:

- Negro quando não apronta na chegada, apronta na saída.

¹ Casa feita com madeira, pedra e barro, sem cimento nas paredes.

- “Vai negrinho”.
- “A neguinho vem cá”.
- “Isso é coisa de negro”.
- “Neginho do cabelo duro”.
- “Ou negrinho do cabelo feio”.

Não tendo nem um trabalho digno que me valorizasse enquanto pessoa, muito menos respeito como cidadão, direitos e deveres garantidos, muitas vezes fui vítima de preconceito e discriminação. Mas não entendia o que significava essas palavras. Às vezes achava que quando as pessoas falavam esses apelidos acima citado, fosse demonstração de carinho. Mas não eram. Só sei que, quando era vítima, não sabia reagir porque aquelas palavras por um momento me paralisavam. Outras vezes reagia com palavrões, agressões. Eu não tinha o mínimo de conhecimento do que elas representavam. Uma das maiores dificuldades que tinha em lidar com o preconceito e discriminação era porque não conhecia a minha descendência. Porque o homem que não conhece a sua origem é um homem vulnerável a mazela social, tornando-se vítima do seu não conhecimento, esses muitas vezes negados nos currículos educacionais.

- ***Des/re/construindo a história: o Grupo Cultural Adimó***

Em 2004 fui convidado a participar do Grupo Cultural Adimó. Esta é uma entidade do Movimento Negro; sem fins lucrativos; que desenvolve ações de educação integral através de atos que buscam a inclusão de seus participantes na sociedade e no mercado de trabalho; assegurando a efetivação de direitos sociais previsto na Constituição Brasileira.

As atuações acontecem por meio de oficinas, seminários, palestras, cursos e capacitações. Eu, Mano Chagas e meu primo Josafá fundam o Grupo em 2006; e no decorrer de nossos trabalhos foi ampliada a linha de atuação. A entidade nasceu a partir de uma lacuna existente na área social, onde a inexistência de políticas públicas voltadas para a inclusão social sempre deixou pessoas de várias faixas etárias à margem em situações de risco.

Atualmente o grupo atende a um total de 268 pessoas entre crianças, adolescentes, jovens e adultos e indiretamente a duas mil pessoas. No grupo já fui

coordenador de fiscais, participei de grupo de capoeira, time de basquete, fiscal, tesouraria e hoje faço parte da coordenação dos diretores.

Depois de vários conhecimentos absorvidos dentro do grupo, passei a me conhecer melhor, sobretudo a minha origem, cultura e religiosidade. O mundo ao meu redor já não era mais o mesmo. Entendi que fazia parte de um grupo étnico (negro). Ao mesmo tempo descobri porque sempre fui tratado diferente das outras pessoas e passei a me questionar. A minha indignação maior foi porque a educação escolar não me mostrou quem eu era. Apenas me tornou mais vulnerável ao racismo. Todos esses trabalhos desenvolvidos, aprendizagem e conhecimentos adquiridos me motivaram a fazer a monografia com essa temática.

1.4 Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa e do tipo etnográfica em educação. Optei por este tipo de pesquisa porque permite me aproximar da realidade dos participantes, uma vez que os meus questionamentos só seriam respondidos através de observações em espaços escolares; a partir do convívio com professores, alunos e funcionários por um determinado tempo.

Segundo André (1995,), etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente, etnografia significa “descrição cultural”. “O termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.” (p. 27).

A coleta de dados foi desenvolvida em duas escolas públicas no município de Picos-Pi. Devido às características constrangedoras dos dados obtidos durante as observações, optou-se por utilizar nomes fictícios tanto para as escolas como para as pessoas participantes. Assim, as escolas serão chamadas de Zumbi dos Palmares e Dandára². O principal local de observação foi a sala de aula.

Para ter acesso às duas escolas, levei ofícios que me deram direito enquanto aluno pesquisador. Fui bem recepcionado pelos diretores e professores, onde me

² Esses dois foram heróis negros da história do Brasil. Ele, líder palmarino, que buscava a libertação do seu povo. O texto trará mais informações sobre ele em tópicos posteriores. Ela foi uma das esposas de Zumbi.

deixaram a vontade para realizar a pesquisa. Outro fator que me fez escolher essas escolas foi porque elas recebem alunos da maioria dos bairros periféricos onde reside um número grande de alunos negros.

Os sujeitos da pesquisa foram professores e alunos de duas turmas. Na primeira escola, a sala contava com 19 alunos, já na segunda escola eram 24 alunos. Totalizando 43 alunos de 5º e 6º Anos. Iniciei a observação no dia 12 de Junho de 2012 e terminei no dia 25 de Outubro de 2012. Perfazendo um total de 15 visitas.

Na sequência do trabalho, tem-se mais 3 capítulos. O próximo traz uma discussão teórica sobre racismo, preconceito e discriminação, além de discutir a invisibilidades dos grupos minoritários. Por fim apresento um breve relato da história do herói negro Zumbi dos Palmares; depois, no capítulo três serão apresentados e analisados os dados obtidos durante o trabalho de campo em seis tópicos. Cada tópico relata cenas de racismo presenciada em um dia de observação, seguindo-se de uma pequena reflexão sobre o descrito. E, por fim, o quarto apresento as considerações finais. Já o quinto mostro algumas referências.

2 RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: LIMITES E POSSIBILIDADES NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

2.1 Racismo

O racismo é um vírus ideológico que no Brasil vem se arrastando há mais de quatro séculos, atingindo principalmente os negros que, mesmo após a “abolição” foram impedidos de estudar por muito tempo. Quando conseguiram “ser livres” passaram a ser e ainda são vítimas de racismo preconceito e discriminação. Também pode ser a maneira de pensar, falar deixando transparecer que a sua etnia é superior a da outra pessoa. Esses argumentos têm como base as características físicas hereditárias levando em consideração uma teoria errônea que sua matriz racial é mais importante que a do outro tanto a cultura, religião e seus traços biológicos. No processo de colonização do Brasil foi utilizado como mecanismo de sustentabilidade da elite principalmente os coronéis como esmiúçam Sousa apud, Jaccoud (2008):

O colonialismo assentou-se historicamente no racismo, que teve ali um papel de “princípio matricial de base”. Contudo, a valorização do homem branco e de cultura não desaguou, no Brasil Colônia, na construção de um pensamento racista sistematizado ou mesmo em um projeto de nação ancorado na afirmação da superioridade racial (p. 49).

O racismo foi a semente maléfica que o colonialismo plantou na população negra no seu princípio de “libertação” que vem se mantendo até os dias atuais. Semente que deve ser extinta, excluída da nossa sociedade e principalmente das escolas, onde as crianças começam a prática.

Para Sant 'Ana (2008) o racismo é a pior forma de discriminação porque está não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu. Completando o pensamento do autor acima citado, torna-se necessário perceber que o aluno só será menos vulneráveis ao racismo se já tiverem um pouco de conhecimento de suas características biológica, compreendendo que jamais seus traços biológicos serão mudados, mas todos devem respeitá-los.

Evidentemente, que a grande maioria dos alunos ao adentrar os portões as salas de aulas, desconhece a sua etnia, seus grupos sociais, não sabem o que é o

racismo, mas são vitimados diariamente por causa da sua cor, encontrando assim dificuldades na sua vida educacional.

Na escola, essas agressões são insuportáveis, sobretudo, porque os indivíduos vêm esperando da escola um terreno de igualdade e justiça. Eles têm a escola como um campo do saber no qual esperavam não ser incomodados com a ignorância sócias dos racismos. Em síntese, infelizmente, acontece que a maioria das crianças Afrodescendentes toma consciência social da cor da pele via do racismo, nas instituições de ensino (CUNHA Jr, 2008, p. 233).

Essa situação contribui de forma negativa no seu desempenho da aprendizagem, aumentando as dificuldades para sua permanência na escola, aumentando o índice de evasão dos afrodescendentes, que muitas vezes só sabem o que é o racismo quando são vítimas.

Quando nos referimos ao racismo é bom se perguntar que medidas as escolas tem adotados como mecanismo de combate a este problema. Será que as escolas realmente têm procurado restringir o racismo, sobretudo nas salas de aulas? Os professores não tinham ou não têm no seu processo de formação acadêmica uma preparação para trabalhar as questões raciais. Daí surge algumas dificuldades em lidar com esses desafios da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação.

Até mesmo no uso de matérias didático, alguns docentes trabalham os conteúdos sem pensar a questão racial em exclusividade o negro. Essa falta de preparo de alguns professores e educadores aliados a ausência de matérias pedagógicos na sala de aula que trabalhe o recorte da história dos afro-brasileiros deixa-nos cair no mito da democracia racial, contribuindo de forma significativa para o aumento do racismo. Todavia a falta de ação nos faz pensar que está tudo ótimo. Mais, a falta de abordagem desses temas não é recente, segundo Jaccoud (2008):

A partir dos anos 1930, o Brasil assistiu ao progressivo desaparecimento do discurso racista, quer no campo político quer nos esforços de interpretação do processo de desenvolvimento nacional. Em seu lugar emerge um pensamento racial que destaca a dimensão positiva da mestiçagem no Brasil e afirma a unidade do povo brasileiro como produto das diferentes raças e cuja convivência harmônica permitiu ao país escapar dos problemas raciais observados em outros países (...). O progresso desaparecimento do discurso racista e sua

substituição pelo mito da democracia racial permitiram a alteração dos termos do debate sobre a questão racial no Brasil. (p. 54-56).

Os professores não podem se omitir diante de situações discriminatórias. Ao presenciar, deve intervir de forma explícita, explicando para os alunos o que é racismo e não tentando camuflar.

2.2 Preconceito

O preconceito é maléfico para todas as pessoas, tendo a população negra como as maiores vítimas devido a sua cor, seus traços físicos e origem. Tendo em vista, ainda que uma grande parcela dessa população esteja completamente excluída dos altos padrões que a sociedade exige, sendo vista frequentemente de forma estereotipada. O preconceito pode ser definido como:

Uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos (SANT'ANA, 2008, p.58).

É bem verdade que esse diagnóstico precipitado que as pessoas fazem, antes de conhecer as outras têm forte chance de vir a ser uma interpretação equivocada, e ainda acabam fortalecendo o preconceito na mente das pessoas, impedido até uma aproximação harmoniosa entre os alunos. Todavia, na sala de aula o professor, deve procurar soluções para combater o preconceito. Para tanto, deve ter conhecimento sobre o que é racismo e discriminação. Nas palavras de Munanga, (2008, p.12).

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e matérias didáticos e às relações preconceituosas entre aluno de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outros desestimulam o aluno negro e prejudicam sua aprendizagem.

O preconceito tem muita influência no comportamento dos alunos na sala de aula, pois às crianças usam uma linguagem preconceituosa para menosprezar seus colegas de classe. Agnes Heller (2000) conceitua preconceito como “um tipo particular de juízo provisório”. Por esse caráter provisório, ele pode se alterar e modificar-se na atividade social e individual. E, estando o preconceito ligado à cotidianidade, ele desempenha uma função importante nas diferentes esferas, mas, não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam.

Na cotidianidade escolar dos alunos, eles precisam se libertar de seus preconceitos artísticos, étnicos, religiosos, culturais, científicos e políticos. Não somente os alunos brancos, mais também os de outras etnias.

Muitas vezes os estudantes brancos utilizam o preconceito como mecanismo de irritabilidades, para provocar o colega de classe, que em sua maioria são negros, as principais vítimas. Que não sabem como reagir, porque tais palavras e atitudes baixaram a sua auto-estima. Por isso ficam em silêncio porque não tem argumento suficiente para se esquivar e rebater a ação sofrida.

Geralmente o preconceito se expressa em discussões em sala de aula quando o outro diz “ negro do cabelo duro” “agora a coisa ficou preta” “negro quando não apronta na chegada, apronta na saída”. Muitas vezes, é um fenômeno psicológico, ele reside apenas na esfera consciência podendo ser explícito ou camuflado.

2.3 Discriminação

O programa Nacional de Direitos humanos -Brasil (1998) define discriminação como “o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos tais como raça, sexo, idade, opção religiosa e outros”.

Um dos maiores problemas que os alunos negros têm que superar na sala de aula é a discriminação que freqüentemente são vitimados, uma vez que os alunos negros na maioria das vezes só percebem essa discriminação quando se deparam na sala de aula com tais práticas. Sobre tal conceito, Soares (2008, p.107) explica:

Discriminação é a maneira de atribuir valor a uma coisa de forma a distingui-la de outra, separado-as, diferenciando-as, afirmando soberania de uma sobre a outra. Colocando restrições de modo que apareça uma linha divisória entre elas que impossibilite sua união e, ao mesmo tempo, fique claro, por meio dessa separação, o valor hierárquico de uma e o poder que essa exerce sobre aquela, estabelecendo um campo de embate. Na discriminação acontece sempre uma desqualificação de uma e a qualificação de outra. Sempre quem discrimina julga que seu padrão é superior á coisa que ele ou ela discriminou e essa suposição quase sempre vem junto com atribuição de poderes do discriminante sobre o discriminador.

Na discriminação as pessoas negras são vítimas duas vezes, a primeira por ser negra e a segunda, porque a grande maioria dos negros tem poucas condições financeiras. Além da discriminação de cor, ele pode ser discriminado com base em mecanismo de inferioridade financeira. Portanto o professor deve analisar o que ele for falar em sala de aula. Para não transparecer que ele está tomando partido ao reclamar ou provocar qualquer discussão que venha a abordar na sala de aula.

2.4 A invisibilidade dos grupos subordinados

Os grupos considerados subordinados não são visto com bons olhos no processo de formação do Brasil, até os dias atuais. Ficando assim invisíveis e minimizados nos currículos escolares. São representados muitas vezes nos materiais didáticos de formas estereotipadas e em caricatura, sem representação humana e cidadania.

Silva (2008), explica que no livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indignas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência.

Quando um grupo étnico não conhece a sua história, ele começa a supervaloriza outros grupos, deixando o seu em segundo lugar. Já que seus membros ficam vulneráveis as mudanças provocadas pelos os grupos modelos da sociedade.

Contudo, torna-se necessário refletir até que ponto as culturas oriundas dos grupos subordinados na sociedade, cujas contribuições não são consideradas como tradições e passado significativo e, por isso são inviabilizadas e minimizadas nos currículos, poderão vir a ser

objeto de investigação e constituir-se na prática educativa de professores.(SILVA apud SOUZA, 2008, P.183).

O principal efeito da invisibilidade desses povos considerados subordinados é um comportamento de auto-rejeição e negação dos seus valores culturais por falta de conhecimento. Inclusive os alunos negros, que quando folheiam um livro didático, jornais e alguns veículos midiáticos, não se vêem de forma estimulosa. Assim, dão preferência as culturas dos grupos considerados modelos para a sociedade. Portanto, o professor deve incluir na sua prática pedagógica mecanismo que estimule esses grupos conhecer suas potencialidades e busca seu espaço na sociedade.

Nesse sentido, afirmo que cabe uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com o objetivo de prepará-lo para uma prática pedagógica, com condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustração dos livros didáticos. (SILVA, 2008, p. 18)

Essa mudança precisa acontecer na formação dos professores, sobretudo nas práticas pedagógicas iniciais onde os alunos da educação básica, com exclusividade o Ensino Fundamental onde os docentes se deparam com uma diversidade cultural oriundas de vários grupos. Esse conhecimento é essencial no seu processo educacional.

Para Lopes (2008, p.185) construir uma nação livre, soberana e solidária onde o exercício da cidadania não se constitua como privilégio de uns poucos, mas direito de todos, deve ser a grande meta a ser perseguida por todos os seguimentos sociais.

Os professores devem resgatar e mostrar histórias que dão sustentabilidade de subsistência a esses grupos principalmente os afro-brasileiro que resistiram a escravidão e ainda hoje são vitimados. Tendo em vista que a maioria desse povo negro não tem conhecimento de seus antepassados, ficando a mercê dos grupos considerados exemplo de sociedade justa e igualitária. Sobre isso, Lopes (2008, p. 186), compartilha, afirmando:

Idéias preconceituosas que discrimina – menospreza ou despreza outras pessoas, grupos sociais, povos ou nações; desrespeita aquele ou aquilo que consideram diferente e, por isso, inferior; domina, subjuga (pois assume o papel de amo e senhor em relação ao outro), pensa deter o poder, gera conflito, é intolerante, tem mania de

superioridade, mesmo quando não é o melhor; pensa que os demais são inferiores e devem ser seus subalternos; escraviza; induz o outro a ter baixa auto-estima.

O pouco desempenho se explica também porque seus conhecimentos são restringidos, no espaço escolar. Com isso, os alunos negros são desinformados de sua cultura, religião muito menos de seu passado e sua origem. A falta de informação acaba proliferando na mentes das crianças de forma inconsciente que existem grupos subordinados e insubordinados.

Apesar de a escola ter negando as informações cabíveis sobre todos os fatores que formam o povo negro, hoje, cabe aos professores e a sociedade em geral resgatar a origem dessa grande população brasileira, procurando restringir qualquer tipo de racismo. Por isso se faz necessário resgatar a história do povo negro, através da memória coletiva como enfatiza Munanga, (2008, p. 12):

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente brancas, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas.

O resgate da memória coletiva deve perpassar às linhas do tempo. Através de histórias contadas nas comunidades quilombolas, inclusive as danças de rodas como: leseiras e rodas de São Gonçalo. Levando em consideração alguns relatos que são contados por pessoas mais idosas que é um leque eminente de conhecimento dessas culturas vivas que despertam a nossa curiosidade. Como afirma o historiador Joseph Kizerbo, “um povo sem história é como um indivíduo sem memória, um eterno errante”.

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recreação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes de sua história e de sua ancestralidade(GOMES,2005, p. 79).

O ser humano que não conhece a sua história, em especial o povo negro, é levado pelas correntes do vento e por uma sociedade racista que esconde a história dessa grande população nas valetas mais profundas da ignorância, e do egocentrismo

européu. Perpassados pelos colonizadores, que semearam o racismo na psique dos brasileiros em todo o transcorrer dos anos. Contribuindo de forma significativas para invisibilidade do povo negro, visto como seres inferiores. Todas as atribuições aos negros fazem com que alguns desenvolvessem um comportamento de auto-rejeição pela sua cor e cultura. Nas palavras de Silva:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, por meio de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando e rejeição dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (SILVA, 2008,p.18).

A invisibilidade da diversidade nos papéis e funções exercidos pelos homens e mulheres negros, entre outros, presentes nas ilustrações dos livros didáticos pode ser feita, solicitando-se á criança que descreva outras atividades exercidas pelas mulheres e homens que constituem sua família, que moram na sua rua, que frequentam seu local de encontros religioso e de lazer.

Quando nos referimos ao papel que a escola realmente tem desempenhado na diminuição do racismo, e o que deveria ter desempenhado no combate a este, percebemos que a falta de capacitações para os professores e educadores, acabam contribuindo para o aumento do racismo. Daí surge algumas dificuldades em lidar com esses desafios da convivência com a diversidade as manifestações de discriminação. Essa falta de preparo deixa-nos cair no mito da democracia racial, não contribuindo de forma significativa para os futuros cidadãos, produzindo preconceito consciente ou inconscientemente devido essa educação lacunosa e eurocêntrica. Até mesmo no uso de matérias didáticos faz com que os professores reproduzem preconceitos . Todos devem aumentar o seu conhecimento para lidar com os desafios. Segundo Silva (2008, p. 17)

É preciso conhecer para entende, respeitar e integrar, aceitando todas as contribuições de todas as culturas que formam a população brasileira. Uma das formas de alavanca seria a introdução do tema transversal Pluralidade Cultura e Educação, que têm abrangência global,sendo de grande importância social.

Apesar de a escola ter negando as informações cabíveis sobre todos os fatores que formam o povo negro, hoje, cabe ainda mais ao sistema educacional e

professores regatar toda a origem dessa grande população brasileira de forma a tentar eliminar os preconceitos inculcado nas crianças. Onde todos construam um comportamento de respeito e aceitação da diversidade étnica e culturais.

2.5 Zumbi: O Herói Negro

O grande herói Zumbi dos Palmares nasceu livre em 1655, em qualquer canto de Palmares. Não sabemos de onde seus pais eram, provavelmente era do Congo, de Mombaça, do Daomé ou de qualquer outro local da África.

Após um ataque a Palmares o menino Zumbi foi levado a Porto Carvo. Sobre esse fato Santos (2006, p.33) explica que:

Tudo começou com um Brás da Rocha que atacou Palmares em 1655 e carregou, entre presas adultos, um recém-nascido. Brás o entregou, honestamente, como era de contrato, ao Che de uma coluna, e este decidiu fazer um presente ao cura de Porto Carvo, padre Melo. Melo achou que devia chamá-lo Francisco. Padre melo achava Francisco inteligentíssimo: resolveu desasná-lo (outra expressão deliciosa da época) em português, latim e religião. Talvez olhasse com orgulho o moleque passar com o turíbulo, repetir os salmos.

Depois de tanto tempo sobre os cuidados do padre Melo, o menino que em suas veias corriam sangue de libertação, mesmo tendo adotado os costumes da igreja, aprendido a fala Português e Latim, não esquecerá o seu povo que gritavam e lutavam por liberdade. Todavia, ao completa 15 anos em 1670, Francisco fugiu para Palmares. Dando inicio a suas dezenas de batalhas. Francisco passava a chama-se daquele dia em diante de Zumbi. No entanto a origem do nome é incerta, pode ter surgido no país da África, como:

No Gongo e em Camarões, o deus principal se chamava Nzambi; em Angola, diziam ser Zombi, o defunto, e Zumbis, no Caribe, são mortos- vivos, criaturas sem descanso, mesmo no Além (...). Quando Zumbi voltou a Palmares, havia lá dezenas de povoados, cobrindo mais de 6 mil quilômetro quadrados na serra da Barriga, 8 mil moradores. Constitui, livremente, sua família_ um pai, irmãos, tias e tias e tios. O principal destes se chamavam Ganga Zumba, que significa “ grande chefe”- reinava sobre todos eles (SANTOS,2006, 34, 35, 36).

Zumbi tornou-se chefe de Palmares aos 25 anos. Ficou descontente com os acordos que Ganga Zumba, chefe de palmares estava querendo fazer com os brancos, sobretudo com o governo. Então Zumbi, formou um grupo muito grande de aliados e expulsaram Ganga Zumba de Palmares junto com alguns de seus guerreiros fies, onde recebeu apoio do governo de Pernambuco. Onde lá mesmo morreu envenenado, por um dos seguidores de Zumbi.

Para Santos (2006.p.42) Zumbi, assemelhou-se aos grandes generais da história - Ciro, Alexandre, Aníbal, Chaka, Sundiata Keita, Napoleão, a rainha Nzinga Samori, Caopolican - em muitas coisas. Zumbi dos Palmares foi por muito tempo, e é até hoje no Brasil, recordista de vitórias militares. Diferentes daqueles campeões da guerra numa coisa: não combateu para conquista territórios ou glórias.

Após uma guerra sangrenta na serra da Barriga, sobre o comando de Domingos Jorge Velho, onde morreram quase todos os combatentes principais de Zumbi, ele fugiu com um pequeno grupo de seguidores. Depois de alguns meses tentando se recuperar do confronto fatal que tivera com seu principal rival de guerra Domingo Jorge Velho, Zumbi caiu numa emboscada que tinha como chefe do grupo Antônio Soares, quem o herói negro conhecia e confiava.

Zumbi confiava em Soares, e quando este lhe meteu a faca na barriga se preparava para um abraço. Seus olhos devem ter brilhado, então, de estupor e desalento. Seis guerreiros apenas estavam com ele naquele momento. Cinco foram mortos imediatamente pela fuzilaria que irrompeu dos matos em volta. Zumbi, sozinho, matou e feriu vários. Foi nas brenhas da serra dos Dois Irmãos, por volta de cinco horas da manhã de 20 de novembro (SANTOS, 2006, p. 55).

Se faz necessário que o sistema educacional, as escolas, a comunidade em geral, inclusive os livros didáticos mostrem e contem a história desse eminente General Negro que lutou em busca de libertação para seus irmãos negros. Sendo vencedor de inúmeras guerras contra os escravistas.

3 A PRESENÇA DO RACISMO NA ESCOLA: COMPREENDENDO SUAS FORMAS VERBAIS

Aqui serão apresentados e analisados os dados obtidos durante o trabalho de campo. São registros do que foi observado e classificado como verbalizações de racismo, nas salas de aula, em interações entre alunos. Ou seja, analisa-se as práticas de racismo verbais que vitimizava alunos negros, assim como o posicionamento dos professores que presenciaram tais práticas.

Este capítulo se organiza em seis tópicos. Cada tópico relata cenas de racismo presenciada em um dia de observação, seguindo-se de uma pequena reflexão sobre o descrito.

3.1 E na china tem negros?

Era uma quarta-feira de junho, especificamente, dia 13. Adentrei a Escola Zumbi dos Palmares às 13h. Após a autorização do diretor, fui direto a sala de aula da 4ª série, 5º Ano, falei com a professora Teresinha, que também me autorizou a presenciar sua aula, entrei e cumprimentei os alunos.

Abanquei no fundo da sala, era aula de português. A professora ministrou o conteúdo: 'Frases e Orações'. Na sala havia 19 alunos com faixa etária entre 12 e 13 anos, sendo oito meninas brancas, cinco meninos branco, seis alunos negros, entre eles duas meninas negras e quatro meninos negros.

A sala de aula possuía um quadro-acrílico, dois ventiladores em péssimas condições. As cadeiras também deixavam a desejar. Muitas estavam quebradas dificultando até mesmo a escrita dos alunos, porque os cadernos ficavam escorregando do ponto de apoio.

Uma das meninas negras tinha o cabelo alisado, outra possuía o cabelo cacheado. Dois meninos tinham cabelo crespo e os outros possuíam cabelos curtos. Logo no primeiro momento percebi que os negros sentavam próximos durante a aula.

Os alunos começaram a falar paralelamente sobre povos japoneses e chineses. Entre conversas uma aluna negra de nome Maria falou:

- *Eu sou chinesa*

Ricardo, que é um menino branco, perguntou em tom firme e forte ao mesmo tempo que sorria e desdenhava:

- *E na China tem negros?*

Imediatamente os colegas de classe começaram a sorrir. Maria não respondeu tal pergunta, continuou conversando normalmente com sua colega de classe de nome Jaqueline, sobre uma sandália que a mãe de Maria tinha comprado da qual ela gostou muito. O assunto foi concluído naquele mesmo instante.

A professora Teresinha, que no momento estava escrevendo no quadro-acrílico alguns conceitos de Frases e Orações, quando terminou, pediu apenas para os alunos ficarem em silêncio. Não demonstrou nenhuma ação diante das conversas dos alunos Ricardo e Maria.

O racismo não está na frase que ele falou, mas na intencionalidade percebida no deboche e no sorriso. Quando Ricardo, perguntou de forma enfática a Maria, se na China tinha negros, cometendo assim um ato de racismo, teve discernimento que negros pertence a uma etnia e os chineses a outra. Ricardo provavelmente sabia que chamaria atenção dos colegas usando a frase acima citada. O que me chamou atenção foi o comportamento de Maria, quando Ricardo falou tal frase. Porque Maria fez de conta que nem ouviu.

Quanto à reação da professora, fica a dúvida, será que ela ouviu, quando Ricardo dirigiu tal pergunta a Maria? Ou será que fingiu não ouvir? Caso ela tenha ouvido, apenas pediu para os alunos fazerem silêncio, contribuiu diretamente para a proliferação do racismo. Pois a mesma foi omissa ao não tomar nenhuma atitude imediata. Cunha Júnior (2008), explica muito bem esse tipo de reação: “Situações como essas têm sido relatadas num número infinito de casos, com abordagens e soluções ruins por parte dos educadores, demonstrando um despreparo da escola para lidar com essas manifestações das relações interétnicas.” (p. 233).

3.2 “E você, que parece uma macaca”!

No dia, 14/06/2012, presenciei três situações de verbalização do racismo durante uma observação que durou um pouco mais de três horas. Era a mesma sala de aula do dia anterior. Cheguei às 13h40min. Fiquei esperando a professora Vilania, responsável

pela aula de Ciências. Quando ela chegou, após a frequência corrigiu o exercício da aula anterior que falava dos planetas.

Em seguida começou a passar um novo conteúdo: Asteróides, Meteoritos e cometas. Os alunos nesse dia estavam muito agitados, dificultando muitas vezes o trabalho dela. Após algum tempo começaram a falar uns com os outros. Emanuele que era uma aluna branca, naquele momento estava se olhando num pequeno espelho. Cristina, uma aluna negra que estava em um grupo de 4 meninas, 3 negras e 1 branca, disse:

- *Emanuele só quer ser, toda hora olha nesse espelho.*

Emanuele reagiu com as seguintes palavras:

- *Melhor que olhar pra você, que parece uma macaca, que se olha no espelho quebra.*

Cristina não retrucou tal comparação, continuou conversando com as colegas, sem levar o insulto à frente. A professora no momento estava sentada em sua mesa não deu a mínima importância para as falas dos alunos muito menos para o atrito entre Emanuele e Cristina.

- **“Negrinha feia”**

Nesse mesmo dia, nesta mesma aula, surgiu outro episódio: enquanto Vilania, folheava um livro, os alunos começaram a falar sobre as provas que eles acabaram de receber. Alguns não tiveram boas notas. Todos só falavam sobre isso, irritados, porque tiraram notas baixas. Daniela que era uma aluna negra falou para Bruna que era branca:

- *Tava colando na prova.*

Bruna imediatamente olhou para Daniela e respondeu:

- *Quem tava colando era tu negrinha feia.*

Daniela não deu continuidade às trocas de palavras com Bruna e, novamente, a professora não interferiu na discussão. Usou apenas a palavra silêncio e deu continuidade ao conteúdo.

- **Negrinha vem sentar**

Em outro momento em que os alunos vieram para perto de mim, perguntando o que eu fazia ali. Eu expliquei que estava montando um arquivo. Eles disseram:

-Há bom!

Outros perguntavam:

-Professor a gente vai sai no jornal?

Nesse momento a professora chamou-os, porém, entre eles, tinha uma aluna negra de nome Lorena, que demorou um pouco a sentar. Vilania então disse:

-Neguinha vem sentar.

Lorena respondeu:

-To indo.

Logo depois Vilania, quando estava passando o exercício perguntou a Lorena:

-Terminou nega.

Lorena respondeu normalmente:

-Terminei.

A professora continuou escrevendo o exercício, na mesma tranquilidade de sempre.

No primeiro episódio, Emanuele praticou um ato de racismo ao chamar Cristina de macaca. Já no segundo momento Daniela, teve uma atitude de discriminação para com Bruna, contribuindo para baixar a auto-estima de Bruna, que ficou em total inércia. Como se não fosse pouco, a professora ainda usou apelidos para mandar Daniela sentar no seu lugar. Contribuindo para aumento do racismo, demonstrando que não tem capacidade para abordar o assunto com os alunos deixando surgir algumas perguntas.

Será que a professora falaria para uma aluna branca dizendo: “*branquinha vêm senta*”? Possivelmente não chamaria. Será que é mais fácil aprender o nome de uma aluna branca? Porque a professora não quis usar o nome da aluna, preferiu usar tal termo? Diante destas indagações Munanga (2008, p.11), explicita:

Alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seu alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura é à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política do avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de apresentar uma

atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fato de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral. Consistiria em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença.

A professora Vilania achou normais tais apelidos, onde ela tinha oportunidade de abordar o assunto racismo, preferiu comungar com os alunos. Certamente se ela tivesse interferido, explicando, sobretudo aos alunos que não devemos destratar os colegas de classe independente de raça, cor ou religião, restringiria os atos de racismo na sala de aula.

Uma das formas de deixar uma pessoa negra sem ação é agindo com racismo. Porque atinge os mecanismos de reação da vítima que não tem argumento para se opor a tais insultos, por isso ficam em silêncio e não dá continuidade diante de qualquer discussão que tenha racismo, discriminação e preconceito.

Ficam algumas perguntas: será que os alunos que praticam racismo são conscientes do que fazem? E os alunos que são vítimas, por que não reagem? Se eles conhecessem a sua história reagiriam? Porque Vilania não interferiu na discussão que culminou com as palavras de discriminação?

3.3 Planeta dos macacos! Planeta dos gorilas.

No dia 19/06/2012, às 15hs40min adentrei novamente a Zumbi dos Palmares, para o último dia de observação. Tendo como docente Vilania, que ministrou a aula de Geografia. Quando os alunos estavam fazendo uma atividade em grupos, no fundo da sala tinha um grupo com três alunos. Dois negros, um chamava Pedro, outro Francisco e o Zezinho, que era branco. Naquele momento Zezinho chamou a aluna negra pelo nome de Daniela, que estava distante, a sua frente. Quando Daniela olhou, ele disse:

- *Parece que você é do planeta dos gorilas! Planeta dos macacos?*

A aluna negra Daniela não manifestou nem uma reação, não dando atenção ao que ouviu. Continuou conversando com as duas meninas brancas, Raimunda e Francisca que não deram a mínima importância para o comentário de Zezinho.

A professora não ouviu, ou fingiu que não ouviu, mais uma vez ela não se manifestou, ignorando a ofensa e continuou desenvolvendo suas atividades.

Uma coisa que me surpreendeu foi porque os atos de racismo ocorreram sem qualquer discussão. Ou seja, os alunos que praticam racismo falavam de forma natural, os que são vítimas reagiam com o silêncio. Os professores também não demonstraram nem uma reação. Parece que os docentes aliados ao seu despreparo fugiam do debate sobre racismo, porque não tem conhecimento de racismo. Um professor até chamou uma aluna de negrinha. Por quê? Será se ele achou mais carinhoso chamar de negrinha do que pelo nome da aluna.

3.4 Boi da cara preta.

Essa observação foi realizada no dia 28 de Agosto, na Escola Dandar, na turma da 5ª Série, 6ª Ano, turno da tarde. Entrei na sala de aula às 13hs. A freqncia contava com 24 alunos, sendo sete homens negros, seis mulheres negras, oito mulheres brancas e três homens brancos.

Ao adentrar na sala de aula cumprimentei a todos com uma boa tarde, sentei na cadeira. Após fazer a chamada dos alunos, o professor de matemática José, iniciou o contdo: Decomposio em Fatores Primos. Transcorrido algum tempo os alunos começaram a dificultar a aula do professor. O docente começou a cantar uma música para acalmá-los: - *“Boi boi,boi,boi da cara preta pegar esse menino que têm medo de careta”*. Há, entretanto, não alterou o comportamento os alunos para que o professor continuasse sua aula.

A música não  benquista por educadores, professores e ativista do movimento negro que combate o racismo, pois passa uma conotao pejorativa. A música corrigida ficou assim:

O boi da cara preta tem uma cara bonita, não  uma careta; o boi da cara preta  irmão do boi da cara branca, do boi da cara malhada. O boi da cara preta tem a cor do rosto da mamãe, o rosto que você, criança, se alegra quando olha...(ANDRADE apud SILVA, 2008, p. 24).

O professor José, não teve uma atitude coerente, ps contribuiu de forma significativa para o aumento da discriminao. Demonstrando que ele não tem

conhecimento e entendimento do que essa musica, junto a outras brincadeiras, xingamentos pejorativos e apelidos, é que vem alimentando o vírus ideológico chamado racismo no transcorrer dos anos. Mas José pode mudar essas formas de tentar acalmar os alunos, inclusive combatendo o racismo, inovando sua prática pedagógica.

3.5 Parece uma macaquinha

No dia 18/09/2012, adentrei-me os portões da Escola Municipal Dandaré às 15hs. Chegando à sala na qual ia observar, dei boa tarde a todos e me abanquei no fundo. Samuel iniciou a aula de História, tendo como conteúdo: Patrícios, Plebeus e Clientes. O professor terminou de passar o exercício e deu uma saidinha da sala. Os alunos começaram ir às carteiras uns dos outros, conversando diversos assuntos.

Juliana, uma aluna negra que possui cabelos trançados e uma presilha dourada no cabelo, estava de saia azul e camiseta branca da escola, usava ainda uma sapatilha vermelha. Levantou de sua cadeira que era do lado direito de Higino que era aluno branco. Vestido de camiseta branca da escola e calça azul, usava uma sandália havaiana. Quando Juliana passou em frente à cadeira de Higino ele levantou o pé, triscando na saia de Juliana que logo disse:

-Sai menino! deixa de saliência!

Higino reagiu dizendo.

-Sai do meio negrinha, parece uma macaquinha.

Juliana não reagiu a tal comparação, foi tomar água, finalizando ali mesmo tais palavras.

Higino praticou uma atitude racista ao comparar Juliana com uma macaca, ressaltando a cor de sua pele como elemento comparativo. Porque geralmente, as pessoas que praticam racismo contra um grupo étnico em exclusividade negros, assemelham sua imagem a um macaco. Como forma de discriminá-los.

Nesse dia observado ficou evidente que o racismo ocorrer na sala de aula. Os alunos que praticam atos usam o racismo para chama atenção dos colegas de classes e para fazer brincadeiras pejorativas, como se fosse piadas para descontrair o

momento. Os alunos que são vítimas, não ficam sorrindo do que ouvem. Mas, não reagem com palavras agressivas nem agressões físicas, apenas ficam em silêncio.

3.6 Quem nasce na Africam é gorilas

Na observação realizada no dia 19/09/2012, também na escola Dandára, tinha a professora Patrícia, que ministrava aula de inglês, tendo como conteúdo Countries and Nationalities (Países e Nacionalidades). Naquele momento ela iniciou a correção do exercício dizendo:

-Quem nasce na Germam é Alemão.

-Nasce Japão é...

Alguns alunos:

- Japoneses.

Assim continuaram:

Quem nasce na Africam é...

Alguns alunos:

-Africano.

Imediatamente um aluno branco cujo nome é Fabiano, falou, sorrindo:

- Quem nasce na Africam é gorilas.

Naquele momento os alunos começaram a sorrir e a professora Patrícia disse:

-Pessoal quem nasce na Africam é africano.

No fundo da sala tinha uma aluna negra de nome Laiane, que, descontente com as palavras de Fabiano, falou:

- Pessoal quem nasce na África também é gente, minha gente, ouxente!

Continuando, Patrícia perguntou quem nasce na French é Francês, continuou-se a aula. A professora Patrícia não fez nenhum comentário sobre as palavras de Fabiano continuando sua aula.

Fabiano, mesmo não dirigindo a palavra a um colega de classe, teve uma atitude discriminatória. Tendo em vista que na sala tinha muitos alunos negros, e Laiane que era negra se sentiu ofendida, por isso se manifesta. Fabiano, sabia que quando falasse aquela palavra chamaria atenção dos colegas. Todavia ele praticou um

ato de racismo e discriminação, tendo em vista que quando falava dos outros países em nenhum momento ele desdenhou. Porém ao citar a *Africam*, zombou e quase todos os alunos sorriram. Essa prática geralmente acontece quando o aluno quer chama a atenção dos colegas de classe, por isso, termina agindo com palavras discriminatórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer desse trabalho foram abordados e apresentadas questões relacionadas ao racismo, preconceito e discriminação, presenciados nas salas de aula, onde os alunos negros são vítimas de racismo. Como resultado da pesquisa, lamenta-se poder afirmar que a prática de racismo verbal de alunos brancos contra alunos negros ocorre com muita frequência. Os professores além de se omitirem a tomar qualquer providencia pedagógica, quando ignoram totalmente tais ações, ainda se referem aos alunos negros por apelidos como 'neguinha'. Os alunos negros reagem a tudo isso com o silêncio, diante do constrangimento. Durante a observação não ouve nem uma prática de racismo por parte dos alunos negros.

Não presenciei o desenvolvimento de nenhum conteúdo que estivesse de acordo com “ Lei 10.639, de Janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional , para incluir no currículo oficial da Rede de ensino a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro-Brasileiros”, e dá outras providências”. A ausência do cumprimento desses mecanismos e leis de combatem ao racismo faz com que em determinados momentos os professores reforçassem práticas preconceituosa, quando se referiam a alunas negras pelo termo “neguinha”.

Nas duas escolas pesquisadas os professores observados não demonstraram preocupações no tocante à cultura negra. Mas tiveram posturas que não condiz com as praticas pedagógicas de um docente que se preocupe pelo menos em restringir o racismo na sala de aula. Em determinados momento chegaram a proferiram determinados apelidos e músicas de fundo pejorativo. Foram infelizes, pois demonstraram que não entende da temática em questão.

O conhecimento de nossa história é de fundamental importância, porque nos proporciona uma vida regada de confiança e aceitação de nossa própria identidade. Portanto o eu negro faz um pequeno relato da minha história, o antes e o depois de uma pessoa que passa a valorizar a sua etnia, cultura e religião.

Os grupos considerados subordinados não podem ficar a margem da sociedade ficando invisível, como se fossem inferiores, não tendo sua cultura, artes e religiões valorizadas, principalmente os grupos afrodescendentes que muitas vezes tem seus direitos confiscados. A escola precisa garantir que todos tenham conhecimento da sua história e, assim todos devem ser reconhecidos e respeitados.

Zumbi dos Palmares, um dos maiores generais que enfrentou diversas batalhas não almejava poder, mas a libertação do povo negro do regime escravista.

Sacrificou sua própria vida, para ajudar diversos afrodescendentes que vieram para o Brasil de forma desumana, perdendo suas vidas desde a saída da África, em navios negreiros.

As escolas devem incluir urgentemente no seu currículo conteúdos que combatam o racismo com eficiência, de modo que todos conheçam seus direitos. Portanto os professores devem ficar atentos a qualquer tipo de reprodução de preconceito em sala de aula, porque toda forma de desdémio contra os negros devem ser repudiadas, tendo em vista que, as crianças que são vítimas de racismo, têm um desempenho negativo na aprendizagem e na formação pessoal e profissional.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza, **Etnografia da prática Escolar**. Campinas, São Paulo: Papiros, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira** 2º volume. João Pessoa, PB. 2005.

CUNHA JR, Henrique. **Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui á escola**. In. GOMES, A. B. S. **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Edição UFC : Fortaleza, 2008, P. 229, 233.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura Negra e Educação**, sem data, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6.ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.(16)
IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Dados passados pelo o IBGE de Picos - Piauí em 19/ 03/ 2013, ás 16hs.

JACCOUD, LUCIANA. **Racismo e República: O Debate Sobre o Branqueamento e a Discriminação Racial no Brasil**. In: Theodoro, Osório, Soares,(org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. 2ª Edição IPEA: 2008.

LOPES, Neusa Lopes. **Racismo, Preconceito e Discriminação** In: Munanga, Kabengele(Org).**Superando o Racismo Na Escola**. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. P. 12.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo Na Escola**. 2º Edição revisada /r. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade ,2008. p.17,18 .(15)

SANTOS, Joel Rufino dos, **Zumbi**. Edição - Ed. Ver.- São Paulo: Globo, 2006.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. **História e Conceitos Básicos Sobre o Racismo e Seus Derivados**. In: Munanga, Kabengele(Org).**Superando o Racismo Na Escola**. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. P. 12.

SOARES, Emanuel Luis Roque. **O porquê de a UFC ser racista**. In: JUNIOR, Henrique Cunha,GOMES,Ana Beatriz(ONGs).**Educação e afrodescendência no Brasil**. Edição UFC Fortaleza, 2008. P.107.

SILVA, Célia da Silva. **A desconstrução da discriminação no livro didático**. In: Munanga, Kabengele (org.). **Superando o Racismo Na Escola**. 2º Edição revisada /r. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade ,2008. p.17,18 .

SOUSA, E, P. **Lei Nº 10. 639/2003 na Escola_ Caminhos para os Tambores de Congo**. IN. CUNHA Jn, H. GOMES, A. B. S. . **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Edição UFC: Fortaleza, 2008, p.181.

SOUZA, Maria Elena Viana. **Preconceito Racial e Discriminação no Cotidiano Escolar**. In. Malherme, J. M. B. Capacitação Projeto “**As cores da Escolar**” Articulando a Luta Anti-racista no Cotidiano Escolar.ISEC,2010, AGNES HELLER, 2000,p.43.

Secretária Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial: **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de Histórias e Cultura Afro-Brasileira**. Ministério da Educação, Brasília DF, 2005.